



Activism Democracy Europe History Human Rights Portugal Social movements Viewpoints

Estátuas, Nacionalidade e a escola que não nos formou

No seguimento do homicídio de George Floyd, assistimos a uma cabal reivindicação global de combate ao racismo, um exercício extremamente difícil de levar a cabo em países onde este comporta uma dimensão estrutural.

Como afirma Sílvio Almeida, em *O que é o racismo estrutural?*, o racismo “é uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios, a depender do grupo racial ao qual pertencam”. Com efeito, é nas práticas inconscientes que o racismo tem maior preservação e eficácia, porque graças à sua capacidade de preservação, penetra as estruturas sociais, reproduzindo-se de forma invisível, traduzindo-se numa percepção comunitária de inexistência, a partir do “lugar de fala” da maioria. Aproxima-se, portanto, do que Weber designa por «dominação», tendo em vista que impõe o olhar enviesado do coletivo sobre a parte marginalizada. Em termos práticos, decorre que o racismo se percebe como manifestado em atos isolados e não como parte do sistema social. Isto acontece por duas razões: 1) o olhar coletivo é inconscientemente racializado, i.e., se o racismo não é algo que a maioria sente (precisamente porque é maioria), então ele não existe como ativo social estruturante, 2) porque imporia uma reflexão profunda que mexe com os alicerces de conforto da psicologia coletiva.

Entramos, portanto, num terreno arenoso, ligado tanto à dominação inconsciente quanto à glorificação da memória coletiva.

Como lembra Jean-Louis Triaud, no seu capítulo “Lieux de mémoire et passés composés”, a memória é um ativo político que permite reforçar o poder de determinado grupo. Este aspeto liga-se, forçosamente, à construção de uma memória identitária de um coletivo alargado a que chamamos «nação». Para se produzir um sentimento de pertença e reconhecimento, é preciso que se fabriquem tradições que permitam dar um sentido de continuidade com o passado, como falavam Ranger e Hobsbawm em *The Invention of Tradition*. A nacionalidade é, assim, uma seleção de elementos culturais, práticas herdadas, símbolos e eventos históricos que em conjunto formam uma ideologia que é exaltada a partir do “ius soli”, i.e., de uma nacionalidade elaborada em função do solo – a geografia da identidade.

Ora, a nacionalidade para ser exaltada demanda por elementos culturais, desde a poesia, ao romance, passando pela arte em toda a sua expressividade, com pinturas, estátuas e monumentos [1]. Configuram-se elementos de exaltação da memória nacional, símbolos dos feitos, façanhas e atos heróicos que glorificam a «nação». Trata-se, portanto, do património material ao qual se junta o património imaterial, com a literatura, a música, o cancionero e as práticas culturais, desde as romarias às festividades dos santos da devoção popular.

Mais do que em qualquer outro momento da nossa história, o Estado Novo veiculou uma ideologia de nacionalidade, assente no catolicismo popular, em particular em torno de Fátima, na valorização das “raízes”, i.e., da memória coletiva construída nas tradições rurais, no fado e no futebol.

A socialização das várias gerações que o regime atravessou, fez-se na exaltação da heroica façanha portuguesa dos Descobrimentos, ato fundador da lusofonia, cuja euforia ideológica foi fundante do lusotropicalismo. A ideologia da ação civilizadora portuguesa, empreitada que levou aos selvagens a “salvação” católica e a “civilização”, expressa-se paradigmaticamente no Portugal dos Pequenitos. Com efeito, tanto nesse parque temático quanto no ensino escolar, o 25 de Abril não sedeu qualquer rutura. Não experienciamos, enfim, qualquer ímpeto descolonialista. Ainda hoje, o Portugal dos Pequenitos permanece um espaço de exaltação desse Portugal dos monumentos arquitetónicos e do “bom colonizador”. Não se verifica qualquer esforço de contextualização da narrativa e de desconstrução ideológica. Ali, 1940 permaneceu. E o mesmo aconteceu com o ensino escolar. **A epopeia dos Descobrimentos é ensinada às crianças num mesmo tom civilizador, sem qualquer margem para pensar os eventos do lugar do «outro». Não é oferecida uma descolonização do mais exaltado período da história portuguesa, uma vez que este permanece como um recurso ideológico na reprodução da memória instituída da “portugalidade”.** Com a perpetuação da narrativa ideológica herdada do Estado Novo, os portugueses continuam a pensar os Descobrimentos e a colonização a partir do mito do “bom colonizador”, aquele que levou aos africanos e aos índios do Brasil à salvação e a civilização, resgatando-os da selvajaria dos seus costumes.

Ao perpetuar a narrativa eurocêntrica da produção da História, observa-se a cristalização de lugares de conforto e dominação ocidentais.

Não obstante, é importante reafirmar os ímpetus revisionistas que procuram ajustes de contas com a História. Esse tipo de atitude não faz mais do que procurar alterar o eixo de dominação, ao invés de tentar oferecer “voz”, i.e., visibilizar, as culturas vítimas e invisibilizadas pela narrativa eurocêntrica. **É imperioso reconhecer que todos os países têm direito ao seu património cultural e identitário e a uma memória histórica, e que a visibilização das vozes silenciadas – de que podemos destacar p. ex. a presença africana na cidade de Lisboa [2] –, não pode implicar a destruição material e/ou simbólica dos elementos da cultura dominante, sob pena de abrir um frecha irreparável de fortes efeitos políticos e civis.**

Assim, descolonizar o pensamento e a sociedade civil é imperioso, não como um ato de destruição da História, nem mesmo de reparação, mas antes como gesto de visibilização das vozes silenciadas e, sobretudo, em nome da memória histórica da humanidade como um todo. Em Portugal, é cada vez mais necessário abandonar o lusotropicalismo e a exaltação dos Descobrimentos *per se*, processo que tem produzido uma secundarização da escravatura, inscrita como parte do processo histórico, evocação que traz, nesses termos, uma redenção simbólica e psicológica, não às culturas vítimas, mas à dominante. A Escravatura só poderá ser tratada como um evento “lá atrás” quando for trazida à sociedade civil, através do Ensino básico e secundário e espaços de fomento cultural, como um evento de destruição de vidas humanas e de culturas. Somente quando for normativo o olhar sobre os Descobrimentos e a colonização como uma ocorrência de duas faces, poderemos falar em fim de uma dominação cultural e de uma ideologia de portugalidade. O Quinto Império não é uma promessa, mas uma ameaça. Por outro lado, o combate por essa integração de um olhar criterioso e consciente não pode ser feito por meio da destruição da memória histórica e do património, sem com isso estar a violar o direito à dignidade identitária.

Precisamos focar as múltiplas vozes da História e da identidade portuguesa, não apagar o denominador comum para substituir por outro.

As opiniões expressas neste texto representam unicamente o ponto de vista do autor e não vinculam o Centro de Estudos Internacionais, a sua direção ou qualquer outro investigador.

Estátua do Padre António Vieira / foto de Pedro Ribeiro Simões / CC BY 2.0

[1] ver Ciombelli, Emerson. “Brasileiro e europeu: a construção da nacionalidade em torno do monumento ao Cristo Redentor do Corcovado.” *Cadernos de Antropologia e Imagem* 24.1 (2011): 35-63. Oriá, Ricardo. “Construindo o Panteão dos Heróis Nacionais: monumentos à República, rituais cívicos e o ensino de História.” *Revista História Hoje* 3.6 (2014): 43-66.

[2] Leite, Pedro Pereira, Isabel de Castro Henriques, e Ana Fantasia, *Lisboa Cidade Africana: Percursos e Lugares de Memória da Presença Africana, Marca d’Água: Publicações e Projetos* (2013).

Share this:



Related

- Os três “P” ou a trilogia do racismo**
July 16, 2017
in “Africa”
- O Estado da Cor em Portugal: Invisibilidade, Estado-Nação e Racismo negado**
December 11, 2020
in “Activism”
- O racismo invertido e a ‘feticiária’: histórias africanas para adultos**
May 2, 2018
in “Africa”

This work is licensed under a [Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 4.0 International License](#).

← Cabinda: “Portugal está ligado desde o início a este problema”

“O Chega é um partido com rosto mas sem coluna vertebral” →

João Ferreira Dias
Researcher at CEI-IUL. PhD in African Studies (ISCTE-IUL) about politics of memory, and cultural loss in the territories of Candomblé. Research interests: religious memory, nostalgic sentiments and cultural loss, the orthopraxy and thought patterns in Jeje-nagô Candomblé, and the Yorubá construction and religious and ethnic identity.

You May Also Like

- Europeias podem vir a forçar adiamento do Brexit**

February 28, 2019
- “Bolsonaro será muito do que já foi como deputado, extremamente controverso”**

November 27, 2018
- 16 NOV | As eleições presidenciais e legislativas Brasileiras**

November 13, 2018

Leave a Reply

You must be [logged in](#) to post a comment.

Most Popular

- O Derrube das Estátuas em Tempos de Cólera**
- Do amém Presidente, ao Jair se acostumando: um balanço das eleições brasileiras onde o PT é o segundo maior derrotado em casa própria**
- Brasil: de um novo mapa político-social a um Haifa! encoberto**
- Bolsonaro, nostalgia e ideologia**
- A era da pós-verdade**

CEI-IUL on Twitter

My Tweets

Contents by Region

- Africa
- Europe
- Latin America
- Middle East
- North America/USA

Themes

Security and defence
Democracy
European Union
Human Rights
Latin America
North America/USA
Social movements

Categories

Select Category

Contents by Region

- Africa
- Europe
- Latin America
- Middle East
- North America/USA

Archives

- December 2022 (1)
- November 2022 (1)
- October 2022 (2)
- September 2022 (2)
- August 2022 (1)
- July 2022 (12)
- June 2022 (9)
- May 2022 (8)
- April 2022 (6)
- March 2022 (13)
- February 2022 (11)
- January 2022 (15)
- December 2021 (12)
- November 2021 (12)
- October 2021 (10)
- September 2021 (7)
- August 2021 (3)
- July 2021 (10)
- June 2021 (11)
- May 2021 (17)
- April 2021 (16)
- March 2021 (29)
- February 2021 (18)
- January 2021 (19)
- December 2020 (16)
- November 2020 (28)
- October 2020 (16)
- September 2020 (21)
- August 2020 (11)
- July 2020 (25)
- June 2020 (25)
- May 2020 (28)
- April 2020 (19)
- March 2020 (16)
- February 2020 (14)
- January 2020 (13)
- December 2019 (11)
- November 2019 (19)
- October 2019 (17)
- September 2019 (19)
- August 2019 (12)
- July 2019 (30)
- June 2019 (31)
- May 2019 (26)
- April 2019 (19)
- March 2019 (24)
- February 2019 (29)
- January 2019 (25)
- December 2018 (20)
- November 2018 (30)
- October 2018 (29)
- September 2018 (13)
- August 2018 (17)
- July 2018 (14)
- June 2018 (33)
- May 2018 (44)
- April 2018 (45)
- March 2018 (40)
- February 2018 (33)
- January 2018 (50)
- December 2017 (32)
- November 2017 (46)
- October 2017 (27)
- September 2017 (30)
- August 2017 (23)
- July 2017 (25)
- June 2017 (44)
- May 2017 (57)
- April 2017 (32)
- March 2017 (43)
- February 2017 (46)
- January 2017 (64)
- December 2016 (55)
- November 2016 (71)
- October 2016 (56)
- September 2016 (32)
- August 2016 (2)

Subscribe to Blog via Email

Enter your email address to subscribe to this blog and receive notifications of new posts by email.

Subscribe